**O QUE DESEJA UM CORPO CONFINADO?**

**PRÁTICAS DE ETNOGRAFIA DIGITAL EM CONTEXTOS DE GÊNEROS DISSIDENTES E SEXUALIDADES INSURGENTES**

**Milene Migliano[[1]](#footnote-1); Claudia Pereira Ferraz[[2]](#footnote-2), Vitor Pontes[[3]](#footnote-3)**

Este artigo compõe as reflexões articuladas pela mesa coordenada “O que deseja um corpo confinado? Práticas de etnografia digital em contextos de gêneros dissidentes e sexualidades insurgentes”, aceita para participar do Eixo Temático 9: Afetos, Sexualidades e Tecnologias: Redes de Controle e Insurgência, do X Simpósio Nacional da ABCiber. Os estudos que se conectaram com problemáticas relacionadas às experiências estéticas, políticas e contemporâneas investigadas por meio de diferentes etnografias, realizadas no espaço de condições de possibilidades do digital em 2020.

**Palavras-chave:** Etnografia Digital; imaginários; redes de cooperação; afetos; narrativas

Diante do confinamento a partir de março de 2020, nossas práticas de pesquisa em ambientes online passaram a ter um campo ainda mais vasto para abordagem dos fenômenos culturais e comunicacionais da contemporaneidade, como a emergência de contextos variados de produção de sentidos nos quais as pautas são relacionadas às contestações feministas e transfeministas (HARAWAY, GAGO, PRECIADO), lutas relacionadas à sexualidades insurgentes e gêneros dissidentes. Um dos objetivos deste texto é trazer a reflexão sobre a (re)conceptualização do conceito de redes de cooperação de mulheres e/ou subjetividades políticas incorporadas em dissidências, reconhecendo dimensões afetuais que compartilhadas produzem sentidos e compreensões sobre desejos confinados, tanto enquanto pandemia quanto enquanto os traumas soterrados pela culpa, mágoa e dor, projetando violências e opressões. Para isso, concordamos com a metáfora ciborgue que alega que, “tecer redes é uma atividade para ciborgues oposicionistas”, segundo Donna Haraway (2009, p.77-78) concordando que a ação oposicionista na contemporaneidade se dá pelo enfrentamento da crise do COVID 19, não a partir de um referencial bélico e masculino e sim da noção de redes de cooperação e informação. Os estudos ainda em desenvolvimento (seja como pós-doutoramento, doutoramento ou projeto de pesquisa das/es/os autoras/es das palestras), estão observando a cooperação como instrumento de ligação entre os pontos políticos oposicionistas aos valores do patriarcado e heteronormatividade mediados pelo acesso a tecnologia da comunicação.

As práticas de etnografia digital (HINE, 2012) estruturam nossos modos de produzir conhecimento, seja no campo da comunicação social, ciências sociais ou da criação artístico/cultural, em condições de liminaridades (MIGLIANO, 2020) criativas múltiplas, como entre a rua e a internet. Nossos estudos, que se importam com a re(a)presentação de modos de vida silenciados, seja pelas violências sistêmicas e/ou simbólicas, afloraram a partir da potência múltipla de relações e interações nos usos e apropriações dos espaços de produção de sentidos da internet. Poéticas que transbordam os limites da (pós)modernidade branco hetero-cis-normativa se consolidam em compreensões que consideram o erótico como poder (LORDE, 2019). Perfis que tematizam a luta contra o patriarcado, reportagens que revelam o sucesso das práticas de lideranças femininas, os traumas sendo abordados na fruição estética, e detecção do choque com imagens fortes, da satisfação em festas virtuais que promovem a reelaboração dos posicionamentos políticos de adeptos LGBTQIA+: quais desejos, afetos e imaginários circulam nessas redes de produção de sentidos e compartilhamento de narrativas?

**(Re) Conceptualização das redes de cooperação de mulheres contra o COVID 19 a partir da metáfora política do ciborgue de Haraway**

No início da crise global gerada pelo COVID 19, reportagens como da BBC – Mundial (UCHOA, 2020) chamaram atenção ao apontar como os poucos países liderados por mulheres, entre 153 chefes de estado, estavam desempenhando positivamente o controle da disseminação do Coronavírus. As presidentes de países como Finlândia, Dinamarca, Estônia, Islândia, Alemanha, Taiwan, Nova Zelândia e Noruega, mostraram-se desenvolvendo iniciativas relevantes para que as sociedades se protejam do contágio e da letalidade do coronavírus. O site ERR (04. 2020) demonstrou como a presidente da Estônia, Kirst Kaljulaid buscou o controle da curva de contágio, coletando informações pela rede montada com os governos da Finlândia, Eslovênia e da Islândia, a presidente seguiu atuando com base no que os países aprenderam uns com os outros sobre o avanço deste vírus.

Diferente do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que estimulou aglomerações durante as festas de final de ano, a primeira ministra Angela Merkel da Alemanha fez discurso emocionado sobre a necessidade de isolamento mesmo diante dos esforços perante a cultura e o mercado que envolvem a comemoração do Natal, mas que, no entanto, segundo ela, não combinam com o alarmante número de mortes por Covid 19. Neste caso, é possível entender a primeira ministra alemã sobrepondo a ciência sobre a cultura da comemoração do final de ano.

Tais informações estimulam o desenvolvimento para pensar o conceito de redes pela ótica ciborgue de Haraway (2009), principalmente, quando tal conceito leva a entender que a vinculação entre mulheres, ciência e tecnologia pode naturalmente tender fazê-las inclinadas a uma conexão de uma “política de frente unida” (Ibid. p.40). Desse modo, a reflexão passa a ser desempenhada com base na noção de que as redes são como um circuito que integra o diálogo e a cooperação, para além de seu lado de dominação e poder, o que a autora já observara como a metáfora da informática da dominação.

A partir disso, nota-se que a proposta se justificou adequada ao eixo que trata sobre afetos, sexualidades e tecnologia, do XIII Congresso da ABCIBER, por considerar o sentido das redes como elo de cooperação política entre mulheres chefes de Estado contra o coronavírus, de maneira a convergir ao sentido trabalhado por Haraway (Ibid., p. 80) que observa a feminização do cuidado em relação ao trabalho, envolvendo a questão da saúde, e a “intensificação da responsabilidade do Estado pela saúde” da população. Não obstante a isso, a autora ainda destaca o papel ideológico que permeia a visão sobre os critérios que envolvem a saúde como política. Frente a esta ideia, discorro sobre a efetividade da rede de colaboração entre as chefes de estado citadas, contraposta aos resultados das políticas autoritárias de chefes de Estado como o presidente Jair Bolsonaro no Brasil e o ex presidente Donald Trump nos Estados Unidos, em período de vigência de seu mandato durante a pandemia.

Esta atuação de mulheres presidentes e suas atuações em relação a pandemia, podem ser pensadas em oposição a estes mencionados chefes de estado, e em alusão ao ciborgue de Haraway (Ibid., p.40), quando a autora releva as características ciborgue como “filhas ilegítimas do militarismo”, do “capitalismo patriarcal” e do “socialismo de estado”. Cabe lembrar, que os países da Europa chefiados por mulheres durante a pandemia, vivenciaram duas guerras, em que acontecimentos históricos como o nazismo e o stalinismo deixaram marcas e traumas pela violência, opressão e massacre encabeçados por políticas bélicas e masculinas pela dominação totalitária. A autora leva a pensar, que a consciência da exclusão destas linhas de poder, permite lançar “identidades contraditórias” e “estratégicas” a elas, quando reconhece que o gênero, a raça e a classe social são estruturas historicamente construídas. O que leva a pensar sobre a consciência poder ser adquirida através de experiências de contradição das realidades histórico-sociais provindas do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado (Ibid., p. 47).

Diante da ideia da autora, a condição histórico-social que remete o aprendizado pela experiência histórica bélica e patriarcal podem condizer mais sobre a atuação destas chefes de estado, em relação às políticas envolvendo o coronavírus, que o simples fato de serem mulheres. Para ela, o termo “mulher” como conceito, não deixa transparecer o poder que umas mulheres exercem pelas outras, o que remete a crise do termo “mulher” como identidade política. Este fato leva a pensar a terminologia ciborgue perpassando na rede de suporte ao trato positivo destas chefes de estado diante a pandemia, mais que, o enaltecimento da essência feminina como justificativa (Ibid., p.47). Isso, na medida em que, o trabalho em rede, a valorização da ciência e da tecnologia se tornam aliados da uma biopolítica que privilegia o coletivo, e não, uma sociedade fragmentada, separada e em disputa a partir do referencial bélico do “nós” contra os “outros” instrumentalizando a política do poder do estado.

Haraway e Latour (1984) convergem quando refletem a ciência e a tecnologia apontando os como um sistema histórico que se estrutura na relação social, a condicionar fontes progressistas “renovadas de poder” (ibid., p. 67, 69). Nesta perspectiva, estas chefes de estado mulheres, extrapolam a condição de feminizadas, ou seja, não são vulneráveis em termos de trabalho, não são exploradas como força de trabalho reserva, não são reduzidas ao sexo e nem desqualificadas pelos países que governam, pelo fato de serem mulheres. Cabe alegar, que a nítida emancipação das chefes de estado mulheres repercute concomitantemente a sociedades emancipadas, entre estas nações. Embora não seja possível deixar de relevar a existência de formas de diferenças entre as mulheres, em diversas situações.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que as mulheres são inspiradas a comandar nações, terem sucesso no mundo das grandes corporações tecnológicas, como Sherlyl Kara Sandberg chefe operacional do Facebook, a sustentarem suas famílias, ou no mínimo a sustentarem a si próprias, também são cobradas a cuidarem de suas famílias, de seus familiares quando enfermos, do ambiente doméstico e condicionar o bem-estar social, que seria papel do estado num projeto macro. A integração entre o trabalho do cuidado e a economia é relembrado por Haraway (ibid., p. 71) como condição sequente ao trabalho forçado a mulheres para sustento da vida cotidiana das mulheres.

A reflexão aqui proposta remete ao fato da capacidade destas chefes de estado se adequarem ao papel de grandes líderes desempenhando satisfatoriamente sua alta posição como chefes de suas nações, sem perder a habilidade do cuidado físico e emocional dos cidadãos de seus países, neste período pandêmico. Mas cabe destacar, que embora estejam em destaque pela máxima do papel político que cumprem, elas se seguram em redes que são sustentadas pela comunicação, pela ciência e pela tecnologia. Tais atuações se dão ao contrário daquelas desenvolvidas pelos chefes de estado que simpatizam com o contexto bélico, como o presidente do Brasil e o ex-presidente dos Estados Unidos, os quais usam a tecnologia em sua forma de comunicação em redes sociais digitais para atuar contra ciência médica, garantindo assim, uma forma de necropolítica que se evidencia pelo alto número de mortes por Covid 19 nos dois países. Instrumentalizando a tecnologia para dominar por estratégias de desinformação que lavam mentes, a atuação destes dois chefes de estado levam a pensar sobre o que Haraway (ibid., p. 80) chamou de “informática da dominação”, principalmente quando aponta que a melhor forma de a enxergar evidentemente, é através da “ intensificação massiva da insegurança e do empobrecimento cultural com um fracasso generalizado das redes” que sustentam a saúde das nações. Neste sentido, ela ainda relembra da educação para a ignorância massiva e a repressão presentes na “cultura militarizada e tecnocrática” dos políticos radicais, repercute o aumento dos “cultos místicos e anti científicos em movimentos dissidentes”, na presença de um relativo analfabetismo científico. Em tal sistema, caduco e dotado estresse, ela lembra (mesmo que esta obra seja escrita originalmente em 1985) da emergência de doenças que são historicamente específicas como o HIV e agora, o Covid 19; a feminização do trabalho na área da saúde e a persistência dos movimentos ideológicos nesta área, criando um contexto onde a comunicação “entra em colapso”. Tudo isso repercute a “intensificação da luta em torno da responsabilidade do estado pela saúde”, tornando ainda mais urgente uma política feminista no âmbito da ciência e tecnologia (HARAWAY, 2009 pp. 79-80).

A questão das vacinas contra o coronavírus pode convergir ao que Haraway (ibid., p. 76) enquadrou na ideia de rede quando passa a evocar uma estratégia de cuidado para sobrevivência ao mesmo tempo que é uma “estratégia empresarial multinacional”, pois a autora lembra que tecer redes repercute uma atividade de “ciborgues oposicionistas”.

Para ela, se soubermos interpretar os significados das redes de poder na perspectiva de nossa vida em sociedade, podemos também realizar elos. Até mesmo a religião que comumente tende a orientações fundamentalistas com seus pregadores “supersalvadores” que celebram a ligação entre o “capital eletrônico com deuses-fetiches automatizados” são considerados de suma importância na batalha de resistir ao “estado militar” para assim, interligar seu papel na espiritualidade pela saúde do corpo humano, do corpo social e sua política (ibid., p. 80). Mesmo tendo consciência que a religião pode aguçar certas dificuldades no campo das relações sociais entre ciência e tecnologia, a autora deposita as esperanças nas conexões dotadas de sutilidade em vista de uma construção coletiva baseada nas teorias provindas de experiências vividas, que demonstrem eficácia para elucidar, não sob a ótica das experiências dos outros, mas sim, pela ótica engloba tais experiências nas nossas experiências. E isso se dá, a partir dos esforços psicanalíticos, antropológicos e feministas. Caso contrário, nossas experiências e as experiências dos outros ficariam na esfera da rudimentariedade.

Desse modo, ela inspira ter esperanças nas esferas políticas contraditórias da vida em sociedade, pois a partir de momentos difíceis socialmente, reforçados pelo comportamento político autoritário, bélico e ignorante de sujeitos em altos cargos de poder político, também se produz forte dissidências que fomentam a regeneração política. Mas para isso, precisamos nos responsabilizar pelas relações sociais que envolvem a ciência e a tecnologia, não como uma categoria de mulheres, mas sim, como ciborgues que se comprometem a reconstrução da rotina em conexão com os outros e em comunicação com todas as partes constitutivas de nossa existência. O que significa também, a destruição e reconstrução das narrativas, das relações, identidades e categorias duais, para que desse modo, a condição ciborgue atue empiricamente, sobrepondo o empirismo ciborgue, à subjetividade lúdica em que brilham as deusas.

**Potencialidades latentes nas articulações de festas virtuais pelo Zoom (performatividades, corporalidades e profusões estéticas)**

Diante das limitações decorrentes da pandemia do covid-19, que confinou os corpos, surgem movimentações e negociações que subvertem fissurando brechas para ressignificar e reinventar os sentidos de fazer/viver festas urbanas. Tais potencialidades que refletem a inquietação latente de corpos que ocupavam os fluxos da vida noturna da capital paulista, passam a articular conexões em suas redes de contato, buscando agenciar outras novas possibilidades de performatizarem (Butler, 2003), socializarem, e corporificarem virtualmente a celebração de estarem juntos.

Neste cenário, a pesquisa[[4]](#footnote-4) foi condicionada a seguir os atores (Latour, 2012), com o intuito de perceber e analisar as movimentações e usos e práticas desses grupos/sujeitos alternativo-*queer* em suas outras/novas possibilidades de socializarem, performatizarem e corporificarem nas territorialidades virtuais, estimulando uma rede de afetos reinventados.

Percebemos a efervescência em grupos de Whatsapp e festas virtuais no Zoom, organizadas, consumidas e materializadas pelos próprios agentes em contato. Evocamos nas potencialidades dos corpos, formas de reivindicações políticas que dialogam com ideologias mais amplas, não hegemônicas, (LGBTQIA+ e seus desdobramentos nos feminismos, negritudes e sentidos periféricos). Buscamos perceber, portanto, quais táticas e negociações esses grupos/sujeitos articulam com o intuito de ressignificarem, corporificarem e vivenciarem as experiências estéticas (Canevacci, 2004) coletivas em tempos pandêmicos.

Ressalto a importância do redirecionamento da pesquisa de inspiração etnográfica para uma pesquisa de etnografia virtual partiu da observação das aproximações existentes entre os grupos/sujeitos dos espaços físicos e dos espaços virtuais, por suas práticas e elementos de consumo midiáticos, musicais e meméticos. De modo que, o filtro metodológico que aproxima tais grupos, que não necessariamente são compostos pelos mesmos sujeitos em ação, parte daquilo que ambos consomem, entendendo que observou-se o *éthos-*alternativo *queer* a partir de suas práticas de consumo.

A partir dessa observação se faz importante perceber que esse processo parte de um olhar nos sentidos de “comunidades de interesse” presentes nas redes virtuais, que segundo Castells (2003), são comunidades de interesse, suportes de relações construídas nas redes a partir de conexões específicas por temáticas de interesse em comum. Partindo dessa perspectiva passei a observar as aproximações entre ruas e redes a partir daquilo que ambos os grupos consumiam, midiática e ideologicamente.

É importante ressaltar que nas dinâmicas pandêmicas atuais, em que os espaços físicos são elementos intrínsecos das cenas/circuitos de reivindicação dos sentidos ideológicos, as territorialidades/corporalidades passam a já não serem uma possibilidades de acionamento, de modo que, os espaços virtuais e suas tantas outras potencialidades passam a assumir constância frenética, sem deixar de estabelecer diálogos com as lógicas das ruas que ainda segue contaminando as socialidades e os modos de negociações, interações, usos, apropriações e ressignificações dos sentidos de desordem *undergroud/*subversão, existentes nos espaços urbanos.

Em um primeiro momento, foram as festas remotas organizadas pelas casas noturnas, como 1007 e Selva, sendo realizada na plataforma Zoom. Socializando como se estivessem em festas nas próprias casas noturnas, os participantes dessas festas remotas dançavam, preparavam bebidas e construíram ambientações com iluminação e outros artefatos com o intuito de compor uma cenografia de casa noturna. Também deve ser levado em consideração que a partir das trocas e interações ocorridas no decorrer das festas, fui construindo relações e trocando contatos com os participantes. Por meio dessas interações e trocas constantes, passei a descobrir outras festas promovidas pelos próprios participantes, não necessariamente vinculadas a uma casa noturna.

Alguns exemplos que puderam ser observados enquanto festas articuladas de forma não institucionalizada, são: a “Mamata”, realizada pelo Zoom, onde os participantes, em sua grande maioria mulheres, exibiam e erotizavam seus corpos, no intuito de construir narrativas performáticas emancipatórias, evocando, reivindicando e legitimando o poder sobre seus próprios corpos; uma outra festa da qual participei foi a “Zapping”, também gratuita e realizada pelo Zoom, onde as socialidades que foram desenroladas a partir de uma abordagem temática da nostalgia pela adolescência e/ou infância desses grupos/sujeitos.

Na maioria dessas festas, é possível observar a participação de amigos, reunidos em casa, ao mesmo tempo em que interagem com a festa remota. No caso da festa Zapping, tive a oportunidade de observar um grupo de amigos que organizou um churrasco no meio da sala, sentados em roda e cercados por *coolers,* bebiam e seguiam socializando. Outro aspecto relevante foi a participação de uma jovem que usava um respirador durante toda a festa remota. É importante ressaltar que existe um caráter actante do Zoom, para além de um mero mediador, nas festas remotas que proporcionam múltiplas outras experiências, incluindo pessoas diversas e de localidades distintas, em uma mesma interação.

É importante perceber que as socialidades e performances que são proporcionadas pelas interatividades desses grupos/sujeitos em contato de maneira remota, também acionam e proporcionam experiências estéticas e suas afecções. No entanto, faz-se necessário ressaltar que, para Duarte (2008), as afecções não estão relacionadas apenas ao que se refere ao físico, ou seja, imagens e/ou marcas nos corpos e sentidos, mas também à capacidade de se abrir para novas/outras possíveis conexões, por onde percorrem suas disponibilidades de afecção.

Muitas das festas observadas aqui são recorrentes, tendo mais de uma edição por mês, eventos que abarcam um apanhado introdutório das experiências estéticas e afecções articuladas nessas interações remotas nos ambientes virtuais. Ressalto ainda a existência de tantos outros eventos que não pude participar de forma efetiva, mas que apresentam conexões possíveis com o *éthos-*alternativo *queer*. Esses eventos são compartilhados freneticamente em grupos de Whatsapp, como o grupo “Festas EAD/Zoom Parties”, dedicados à divulgação e interação entre os participantes desses eventos.

Um dos eventos que mais me chamou a atenção foi a proposta da festa remota “QuarenteNália”, devido ao seu nome bastante intuitivo que faz referência ao momento de quarentena que o Covid-19 causou. Com edições mensais iniciadas em maio de 2020, o surgimento da festa remota foi motivado pelo isolamento social e a necessidade de socializar durante a quarentena.

Ao observar tal cenário, faz-se importante perceber como são articuladas as socialidades, corporalidades e o festejar entre ruas e redes, em dinâmicas pandêmicas. Diante desse contexto, percebo que as táticas e ressignificações das festas virtuais articuladas pelos grupos/sujeitos alternativos-*queer,* passaram a ser novas formas e que possibilitam que esses grupos/sujeitos estejam juntos, ainda que virtualmente. Construindo assim, novas socialidades e relações de afeto, performatizando e corporificando as experiências estéticas vividas no urbano, reinventadas com limitações remotas.

**Carta ao Patriarcado, ou como o corpo em ruído da mulher selvagem ressurgiu do hackeamento**

A “Carta ao patriarcado” foi um evento transmidiático animado por Morena Cardoso, a artista-terapeuta-visionária autora do perfil DanzaMedicina, que respondeu a um hackeamento na plataforma de compartilhamento de conteúdos, e rede social, Instagram. A DanzaMedicina é, segundo seu site[[5]](#footnote-5) uma metodologia baseada na psicoterapia dos movimentos e nos saberes ancestrais das mulheres em busca de melhor qualidade de vida. Define seu público como mulheres que buscam o autoconhecimento, a autonomia e uma compreensão de mundo que se considera silenciada em boa parte da história da ocidentalidade. Como descreve Morena Cardoso, a idealizadora do projeto e autora de todos os textos publicados nas redes sociais, DanzaMedicina é “uma ferramenta que permite ir além dos rigores de uma sociedade excessivamente domesticadora, convidando a um novo senso de liberdade, pertencimento e apropriação de si”.

Como parte da estratégia narrativa transmidiática, DanzaMedicina possui um site, perfil de facebook, perfil de Instagram, canal no Youtube e Spotify, disponibiliza cursos online pela plataforma Nutror e utiliza o Linktree, facilitador de acesso para links fora do Instagram. A última plataforma que passou a utilizar para divulgar seus produtos foi o Telegram, ao estabelecer o uso da transmissão de conteúdo para todas as seguidoras cadastradas por meio de um convite para adentrar o Cafofo DanzaMedicina, lidando e criando singularidades com seu público seguidor. Neste ano de pandemia, as potências das interações comunicativas acionadas pelo perfil se consolidaram como um espaço estratégico de mobilização de posicionamentos políticos, compartilhamento de práticas salutares e perspectivas de tratamento e cura de dores das feridas das violências e opressões machistas e patriarcais e assim compondo uma rede de superação das muitas adversidades.

Em 28 de agosto entrevistei pela primeira vez em dimensão de co-presença Morena Cardoso, por uma de uma entrevista na plataforma de vídeo conferências Zoom, depois de trocar algumas mensagens pelo Direct Message do Instagram, via perfil @DanzaMedicina. A entrevista durou uma hora e quarenta de nossa noite de sexta-feira, com proposições para continuarmos a conversa, incluindo outras colaboradoras que cuidam mais especificamente da comunicação no Telegram, por exemplo. Um dos últimos temas abordados foi a questão do transfeminismo, que Morena tem abordado a partir de trocas com mulheres trans, pós-binárias, lésbicas, indígenas, negras, corpos que sofrem também em suas dimensões de interações sociais e comunicações em ambiências digitais. Morena também abordou uma série de postagens transfóbicas, nos comentários de postagens que foram feitas, após a entrevista com uma convidada da semana de lives, o evento Confluência de Mulheres, no Instagram. O evento aconteceu como modo de suplantar a falta de condições de realizar o “Dia Mundial do Plante a sua Lua”, que ocupou nos últimos cinco anos a noite da primeira lua nova de agosto articulando mulheres em algumas cidades pelos mundo, por meio de plataformas de redes sociais digitais, para devolver seu sangue menstrual à terra. O ritual envolve a oferenda de variados líquidos vermelhos, de modo a incluir todas as mulheres, que assim se nomeiam.

É por isso que a nomeação é muito importante. Se alguém não tem acesso aos hormônios, mas se diz feminino ou se diz masculino ou não binário, é a linguagem que é soberana, e eu a respeito acima de tudo. Não é preciso provas materiais. Há uma soberania total da invenção do corpo na linguagem. (PRECIADO, 2013)

No dia 30 de agosto pela noite, quando fui realizar a experimentação das postagens que Morena havia referenciado na entrevista, o perfil estava fora do ar. Durante alguns dias, eu não teria mais contato possível com Morena, já que ela não usava zap. Que bom que a entrevista havia acontecido, mas será que o seu perfil havia sofrido o desaparecimento por alguma censura de rede de oposição heterocisnormativa?

Na segunda-feira uma campanha com a ativação da hashtag #voltadanzamedicina movimenta uma série de publicações com fotos, textos, memórias de pessoas que já a acompanham há um tempo, apresentam uma rede de cuidado. A rede afetiva se constituiu desde fragmentos de narrativas que ativaram afetos que deixaram um rastro na rede social em algumas horas de ativação, proporcionando a possibilidade de recuperação dos dados do perfil.

Os fragmentos de narrativa, que entre instagram e facebook tiveram amostras[[6]](#footnote-6) mais expressivas, eram imagens acompanhadas de relatos de encontros com Morena, de hashtags e emoticons atualizando na linguagem possível, a presença da natureza, por exemplo, com os girassóis pixelados. As imagens eram ou de Morena Cardoso performando uma corporeidade rebelde aos padrões de uma mulher “bela, recatada e do lar”, ou de Morena com as pessoas que se identificavam nos perfis que as compartilharam em retiros ao ar livre ou em processos de ativação de suas tecnologias de cura dos traumas e feridas causados pelas tecnologias da normalização (GOMES, ALVARADO) dos corpos que vivemos ainda hoje.

Assim que o perfil retorna, depois de cinco dias, com todo o seu conteúdo para a rede social, Morena grava uma live na qual afirma seu lugar como defensora da insubordinação feminina e conquista de cura por meio da libertação da mulher selvagem. Morena conta que imaginou seu um silenciamento por questões de cerceamento e censura do patriarcado, mas que na verdade a conta foi hackeada a partir do acionamento de um vírus em um clique descuidado. Ela termina a live lendo sua “Carta ao Patriarcado” que tematiza a luta e resistência aos silenciamentos e opressões associados às lutas feministas, transfeministas e antirracistas.

Carta ao Patriarcado   
  
Vem, quer chegar?  
  
Esse espaço é sagrado.  Não é meu, é de muitas.   
Antes de entrar, silencia, baixa o tom, se atenta…  
Presta atenção, pede licença.   
  
A matéria aqui habita o invisível, as entrelinhas e os descontornos.   
Sua lógica e ruídos não te permitem perceber?   
Aprende então a observar.   
  
Vem, pode chegar, mas escuta antes de falar.   
Aqui o seu lugar é onde sua virtude te coloca, então se apruma!   
  
Suas projeções você deixa lá fora, faça o favor.   
Nessa sala de espelhos, tudo é reflexo.   
O que mesmo você vê?   
  
Mostra a sua cara, valente!   
Tira essa máscara, se assume em sua feiúra.   
Quanto mais você se esconde, mais testemunham sua amargura.   
  
Tá com medo? Pois o sinta.   
Aqui tem bruxa, puta, feiticeira, histérica, louca, tem macumbeira.   
Tem quem não tá nem aí para o que você quer ou pensa.   
Aqui tem santa, tem benzedeira, tem mãe, filha, tem curandeira.   
  
Esse é espaço sagrado, esses corpos tão blindados.    
Aqui não “tem que” nada não, meu sinhô.   
Não é a mesma lei, não é a mesma regra, não é nem o mesmo jogo.  
  
Tá confundido? Sempre foi... só que agora tá exposto.   
  
É da ponta da flecha que avança o nosso rezo: com leite nas tetas, punhos erguidos, olhos atentos, doces sorrisos.   
É com os pés na terra que avança o nosso rezo: plantando sementes, acordando adormecidos, cantando os novos tempos, por descansos merecidos.  
  
Não estamos disponíveis aos seus desserviços.   
  
Sei dos seus fardos, das suas dores, das suas feridas e desamores.   
Essa mente dura, essa existência imatura.   
Deve ser cansativo portar toda essa armadura.   
  
Estamos saindo dos escombros, dos buracos que você nos meteu.   
De tanto soterrar, não é que floresceu?  
  
Mas veja bem meu sinhô, não precisamos de mártires não... isso é coisa de vocês: que gostam da dor, gozam roucos no sofrimento. Pra ti aqui não tem nenhuma, nenhuma a mais, nem a menos, com ou sem intento.   
  
NENHUMA, entendeu?   
  
Esse espaço é sagrado, não é meu, é de muitas.

A situação de opressão do hackeamento que viveu o perfil @DanzaMedicina no Instagram enquadra-se como uma violência sócio-técnica, que se performa a partir do abuso de poder de uma condição por meio de conhecimentos exclusivos de funcionamento da rede, atualizando mais uma vez a perspectiva da luta transfeminista do trabalho de Morena Cardoso, já que agora acumula mais esta experiência de vida-morte-vida virtual. Os fragmentos de narrativas das situações de rede nesta semana específica desenham possibilidades de produzir superação à contenção dos imaginários políticos da opressão tecno-patriarcal.

A violência do silenciamento sofrido na situação de criação da hashtag #voltadanzamedicina no final de agosto de 2020 fez emergir uma constelação de fragmentos de narrativas (MIGLIANO, 2020) que buscaram dar corpo ao perfil apagado. Nesta constelação de fragmentos de narrativas que se conectaram e teceram uma rede de apoio, pudemos observar a condição de liminaridades, entre a vida em co-presença e mediada telematicamente, entre os encontros e as memórias dos encontros, as imagens, as datas, as curas e disputas narrativas que podem imaginar futuros de toda sorte.

A live, que durou cerca de 14 minutos, depois de alguns dias foi transformada em um podcast no Spotify, além de ter sido imediatamente disponibilizada após seu encerramento no IGTV, no próprio Instagram. Depois de lançado, o podcast do Spotify foi compartilhado no mailing do perfil bem como no Cafofo DanzaMedicina no Telegram, cada mensagem em um dia e com uma chamada apropriada, lembrando a condição transmidiática do planejamento de comunicação da equipe DanzaMedicina, mesmo quando em gestão de crise.

O evento “Carta ao Patriarcado” mobilizou a criação e estímulo de narrativas que confrontaram as padronizações do corpo, performance e subjetividades de mulheres na vida social contemporânea, durante a pandemia. Hashtags, fotos de lembranças da companhia de Morena, depoimentos a respeito de seu trabalho enquanto mulher danzamedicina, compartilhamento de postagens e de stories mobilizararam imagens e imaginários pela libertação dos corpos e sentimentos de outras mulheres por meio de ampla expressividade cultural, como os gestos e a dança. As redes de cooperação e cuidado acionadas apresentam como o “corpo em ruído” da mulher selvagem ressurgiu do hackeamento, superando a contenção dos imaginários, como o da mulher silenciada, por meio das narrativas, afetos e afecções.

**Últimas Considerações**

As práticas e processos de etnografias digitais apresentadas neste artigo percorrem os caminhos das investigações de cada pesquisa em primeira pessoa, provocando uma transcriação da escrita na qual a autoria se borra. É uma tensão/inflexão proposital, na busca de apresentar uma reflexão-crítica-ação no campo dos estudos das ciências sociais, aplicadas ou não. Os estudos que se conectaram com problemáticas relacionadas às experiências estéticas, políticas e contemporâneas investigadas por meio de diferentes etnografias, realizadas no espaço de condições de possibilidades do digital em 2020 apontam futuros que podem vir a ser planejados para que uma justiça social volte a figurar no horizonte de expectativa do Brasil, e do mundo.

Ao observar tal a vida em sociedade diante das condições e criações culturais e sociais do digital em 2020, faz-se importante perceber como são articuladas as interações e (novas) comunidades de interesses que inventam outros modos de existir. Na gestão das chefas de estado, nas festas do centro de São Paulo, nos espaços de cura pela dança, é o corpo e as corporalidades que performam existências possíveis diante dos cuidados imprescindíveis no enfrentamento à pandemia do coronavírus. As experiências enunciadas propõem um mundo atual, diante das restrições do isolamento social necessário, como todas as vozes da mídia e entretenimento deveriam estar atuando, mesmo partindo de lugares e situações diversas.

**Referências bibliográficas**

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BAITELLO JUNIOR, NORVAL. **A serpente, a maçã e o holograma**: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus, 2010. LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras  
escolhidas, volume 3**: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 103-149.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas*: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996. v. 1.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da Identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANEVACCI, Massimo. Metrópole comunicacional. **Revista USP**, São Paulo, n. 63, p. 110-125, set/nov. 2004.

CANEVACCI, Massimo. Metrópole comunicacional: arte pública, auto representação, sujeito transurbano**. Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 47, n. 1, p. 173-191, jan./jun. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DUARTE, Eduardo. O Fenômeno Antropológico Da Experiência Estética. In: **Anais...** São Paulo: COMPÓS, 2008. p. 1-12.

GAGO, Veronica. **A potência feminista ou o desejo de mudar tudo**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

GOMES, Alvaro Dias e SALGADO, Sara Victoria Alvarado. **Subjetividade Politica Encorpada**. Revista Colombiana de Educação, n 63, 2o semestre de 2012. Bogotá, Colômbia.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no nal do século XX**. In: Antropologia do Ciborgue e as vertigens do pós humano. organização e tradução Tomaz Tadeu – 2. ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009. Disponível em: <http://vidaboa.redelivre.org.br/files/2018/03/ANTROPOLOGIA-DO-CIBORGUE.pdf>. Acesso 13.11.2020.

HINE, Christine.**Etnografia Segundo Christine Hine: uma abordagem naturalista para ambientes digitais.** Entrevista por Adriana Braga. Revista dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social – É-compós, Brasília, v.15, n.:3, set./dez. 2012.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.

LEMOS, André. Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes**, São Paulo, n. 1, p. 121-137, p. out. 2007.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MIGLIANO, Milene. **Entre a praça e a internet: outros imaginários políticos possíveis na Praça da Estação.** Cruz das Almas: Editora UFRB, 2020.

PRECIADO. Paul B. **Transfeminismo**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

RALF, Elisabeth. **Are women better leaders in a pandemic?** Politico.com - Women Rule -01.05.2020. Disponível em: <https://www.politico.com/newsletters/women-rule/2020/05/01/are-women-better-leaders-in-a-pandemic-489102> Acesso. 10. 05. 20

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Nós temos hoje uma espécie de contenção do imaginário político*.* **Revista Marimbondo**, v. 1, 2011. Disponível em: <www.revistamarimbondo.com.br>. Acesso em: 11 set. 2018.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

USHOA, Pablo. **Coronavírus: por que países liderados por mulheres se destacam no combate à pandemia?** BBC – serviço mundial. 22. 04. 2020. Disponível em:<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52376867> acesso: 12. 04. 2020

WRIGHT, Helen**. Kaljulaid discusses coronavirus crisis with President of Finland.** 07.04.2020. ERR News. Disponível em: <https://news.err.ee/1074029/kaljulaid-discusses-coronavirus-crisis-with-president-of-finland>

1. Pesquisadora doutora em Processos Urbanos Contemporâneos (UFBA), participa do Grupo de Pesquisa Juvenália: questões estéticas, geracionais, raciais e de gênero em comunicação e consumo/ESPM-SP como pós-doutoranda, do Grupo de Experiência Estética: Comunicação e Artes GEEECA/UFRB, do UrbeSom e do Grupo de trabalho em Infâncias e Juventudes do Conselho Latino Americano de Ciências Sociais - CLACSO. E-mail: milenemigliano2@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Pesquisadora doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP com enfoque na Antropologia Política e participa dos Grupos de Pesquisa Juvenália e NEAMP (Núcleo de Estudos Sobre Arte Mídia e Política da PUC/SP E-mail: claudiapferraz7@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Pesquisador é professor do SENAC/SP. É doutor em Comunicação e Cultura Midiática (UNIP-SP) membro fundador do Grupo de Pesquisa UrbeSom, e participa dos Grupos de Pesquisa Juvenália e MusiMid. E-mail: e.vitorpontes@outlook.com [↑](#footnote-ref-3)
4. Apresento aqui um recorte do que foi percebido e analisado ao longo de uma pesquisa de doutorado mais ampla, enquanto resultados que foram se desdobrando ao longo do terceiro capítulo da tese. [↑](#footnote-ref-4)
5. Disponível em [www.danzamedicina.net](http://www.danzamedicina.net), acessado em 17/01/2021. [↑](#footnote-ref-5)
6. Foi realizada uma coleta de dados nas plataformas Facebook e Instagram durante toda a semana de desaparecimento, hackeamento, mobilização e retorno do perfil DanzaMedicina no Instagram, mas as reflexões sobre esta análise ficarão para um novo artigo. [↑](#footnote-ref-6)